



2

JOSUÉ A ÉSTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray



2

JOSUE A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

1. [ESTER](#)
2. [A ASCENSÃO DE ESTER](#)
3. [A LIBERTAÇÃO DOS JUDEUS](#)
 1. [Notas](#)

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



CBO

0 Livro de

ESTER

C. E. Demaray

Introdução

A. Nome e Panorama Geral

O livro de Ester leva o nome de sua personagem principal, uma judia chamada Hadassa (“murta”), mas que foi renomeada Ester (“uma estrela”). Um nome provavelmente escolhido como um reconhecimento de sua beleza, após tornar-se rainha. A história pertence cronologicamente ao período entre o retorno de Zorobabel e Esdras, ou seja, entre o sexto e o sétimo capítulo de Esdras. Os estudiosos chegaram à conclusão de que o rei Assuero a que se refere, é identificado como Xerxes¹. Assuero ou *Akhashverosh* equivale no hebraico ao persa *Khshayarsha*, e é denominado Xerxes em grego².

O escritor foi meticuloso ao datar seus acontecimentos. O banquete de casamento em que Ester tomou posse como rainha, ocorreu no sétimo ano do reinado de Assuero (479 a.C.), quatro anos depois da celebração que resultou no divórcio de Vasti. “Acreditava-se que entre estes acontecimentos, Assuero (Xerxes) tenha feito sua malsucedida expedição à Grécia. Assim, ele retornou da sua derrota vergonhosa em Salamina (480 a.C.) e encontrou consolo nos braços de Ester”³. Os acontecimentos indicados no livro variam do terceiro ao décimo segundo ano do reinado de Xerxes, ou de 483 a 474 a.C.

B. Autoria, Data e Autenticidade

Como é o caso de vários livros no cânon das Escrituras, não temos algum conhecimento definido da autoria do livro de Ester. Poderia parecer pela natureza das referências a Assuero, e pelo cuidado com que são explicadas as tradições persas, que o livro foi escrito em uma época consideravelmente posterior aos acontecimentos, e se dirigia a leitores que não estavam familiarizados com os costumes daquele império. Por outro lado, o escritor mostra familiaridade com os assuntos persas, incluindo o palácio de Xerxes em Susã⁴, e sua linguagem contém antigas palavras persas, que dificilmente teriam sido usadas além do terceiro ou quarto século a.C. Todos estes fatos reunidos indicam que o livro foi provavelmente escrito antes de 300 a.C., por alguém que viveu na época do império persa, provavelmente em Susã. Estudiosos liberais preferem datar o livro durante o período macabeu, em cerca de 130 a.C.⁵. Estudiosos conservadores, por outro lado, normalmente datam o período antes de 332 a.C., visto que “os registros reais dos reis medos e persas têm sua existência clara e acessível, o que não teria acontecido se o império tivesse sido derrubado”⁶. E feita uma referência aos registros reais persas em vários exemplos, especialmente em 2.23; 6.1; e 10.2.

A autenticidade do livro - como aparece no cânon hebraico - nunca foi questionada, mas na Septuaginta sete adições foram acrescentadas em várias partes da narrativa. Desde a época de Jerônimo elas foram colecionadas e reunidas no final do livro no cânon católico, e na Apócrifa foram intitulados da seguinte forma: “*The rest of the Book of Ester*”, Estas adições foram provavelmente escritas em grego em um período muito posterior ao texto hebraico, e com o propósito de dar ao livro um tom genuinamente mais religioso⁷.

C. Historicidade e Personagem Literário

Muitos críticos negam a credibilidade do livro, ao considerá-lo uma obra de ficção histórica, baseados em duas considerações. Primeiro, que existem várias supostas improbabilidades na narrativa. Nenhum dos personagens no livro é mencionado no relato de Heródoto sobre o reinado de Xerxes. Também encontramos aqui que o nome de sua rainha era Amestris, que não se parece nem com Vasti nem com Ester. Raven observa neste contexto que “Vasti se divorciou no terceiro ano do reinado de Assuero (1.3), e Ester não se tornou rainha antes do sétimo ano (2.16)... O livro não nos informa a respeito da morte dela, embora ela tenha vivido até o décimo segundo ano do governo deste rei (3.7). Sabendo que ele reinou durante um período total de 12 anos, restam 8 anos durante os quais Amestris pode ter sido rainha sem interferir na história de Ester”⁸.

Outras improbabilidades incluem a edição do decreto para exterminação dos judeus 11 meses antes, a ignorância do rei em relação à nacionalidade de Ester e ao seu próprio decreto (7.5,6), e ao sucesso da minoria judaica ao se defender contra os numerosos inimigos. Tais improbabilidades certamente não constituem uma prova de que as afirmações feitas sejam falsas. A verdade é sempre mais estranha do que a ficção, e o notável caráter da história enseja a oportunidade para que seja contada. Ela também constitui uma prova de que a providência de Deus atuava a favor dos judeus.

Uma segunda consideração, ao negar-se a credibilidade da história, é que, de acordo com os críticos, há certas características que certamente marcam mais como um romance do que como um livro histórico. A narração tem certos elementos dramáticos, eles dizem, que mostram o trabalho manual do artista. Aqueles apontados mais freqüentemente são os contrastes mais evidentes nos personagens Hamã e Mardoqueu, os dois decretos, um contra o outro, o enforcamento de Hamã no patíbulo que ele mesmo preparou para Mardoqueu, e o clímax da história na vitória impressionante

dos judeus. Alguns aparentes exageros são atribuídos a este caráter romântico da narrativa, como a altura das forcas (22,5m) e o número de persas mortos pelos judeus (75 mil). O propósito de tal romance, dizem eles, era muito nacionalista, e visava enaltecer o povo judeu. O Dr. Raven confronta esta crítica, ao dizer: “O máximo que estes argumentos podem provar é que o autor se aproveita das características dramáticas destas incríveis experiências dos judeus para o propósito afirmado”⁹, (glorificar a raça judia). Este não é um propósito imerecido, visto que o povo judeu é, afinal de contas, escolhido de Deus, e grande parte do Antigo Testamento é dedicado à narração de sua surpreendente história.

Há, por outro lado, um grande número de argumentos convincentes a favor da confiabilidade histórica da narrativa:

- (1) A Festa de Purim, cuja origem é explicada neste livro, constitui uma prova da veracidade da história.
- (2) O personagem Assuero (Xerxes), na forma em que é mostrado nesta narrativa, está muito próximo da maneira descrita por Heródoto.
- (3) As referências aos costumes persas e à vida na corte são historicamente precisas.
- (4) Há referências específicas às crônicas persas, as quais indicam que a narrativa tende a ser entendida como uma história literal.

O livro pode ser propriamente classificado como um romance, se isto significar dizer que sua história verídica é contada de forma romântica. Nisto ele é comparável à bela história de Rute.

D. Propósito e Valor Religioso

Uma característica evidente no livro de Ester, sobre a qual há vários comentários, é a ausência do nome de Deus. De fato, não há uma referência específica à oração no livro, exceto em 9.31 onde é feita uma menção ao jejum e ao clamor dos judeus. Pode parecer que esta omissão de qualquer referência específica à religião judaica seja deliberada. É muito provável que a razão seja a sujeição do livro à censura, e qualquer referência a Deus ou à fé dos judeus teria causado a sua destruição. O livro, por outro lado, está repleto de provas da providência divina que atua a favor dos judeus. Isto constitui uma grande parte de sua mensagem religiosa, e é certamente um dos principais propósitos pelos quais foi escrito.

Deve-se admitir livremente que o uso cristão do livro é limitado, visto que há muito nele para ser questionado sob o ponto de vista da vida e da prática cristã, e que só pode ser explicado em sua relação com o ambiente oriental antigo em que se originou. “Nenhuma tentativa deveria ser feita”, disse o Dr. S. A. Cartledge, “para justificar o espírito vingativo que aparece constantemente; Jesus nos mostrou uma maneira de tratar os nossos inimigos, que é muito superior à que vemos aqui”¹¹. Isto é, certamente, parte de uma questão de revelação progressiva da verdade como a vemos demonstrada no Antigo e no Novo Testamento.

E. Mensagem Espiritual

O ensino do livro de Ester pode ser sintetizado da seguinte forma:

- (1) Os judeus, apesar de desobedientes ao Senhor, e desviarem-se dele no exílio, estão nos pensamentos de Deus e são

objeto da sua misericórdia e preocupação. Assim, o Senhor também ama o pecador, e fez com que o Seu Filho amado morresse por ele.

- (2) A providência de Deus está sempre sobre o seu povo, para salvá-lo das tramas malignas de seus inimigos.
- (3) Deus às vezes se oculta ao cumprir os seus propósitos no mundo. Em Isaías 45.15 lemos: “Verdadeiramente, tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador”.
- (4) O poder da oração é ensinado claramente. É evidente que o jejum solicitado em 4.16 é um motivo para esta prática na atualidade. A resposta à oração deve ser vista no sucesso da rainha em convencer o rei a ajudar os judeus no seu sofrimento.
- (5) A responsabilidade que temos em cumprir a missão delegada por Deus é ensinada em 4.14: “E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” Também indica o risco que temos de correr ao cumprirmos nossa missão: “e, perecendo, pereço.” (4.16).

Eboço

I. A Ascensão de Ester, 1.1—2.23

- A. A Rejeição de Vasti, 1.1-22
- B. A Escolha de Ester, 2.1-23

II. A Libertação dos Judeus, 3.1—10.3

- A. A Trama de Hamã, 3.1—4.3
- B. A Intervenção Bem-sucedida de Ester, 4.4—8.2
- C. A Libertação dos Judeus, 8.3—10.3

- [A ASCENSÃO DE ESTER](#)
- [A LIBERTAÇÃO DOS JUDEUS](#)
 - [Notas](#)

A ASCENSÃO DE ESTER

Ester 1.1—2.23

A. A Rejeição de Vasti, 1.1-22

1. O Banquete de Assuero (1.1-9)

Foi no terceiro ano de **Assuero** (1; Xerxes), rei da Pérsia, 486-465 a.C., que nossa história teve início. Houve uma grande convocação dos governantes e nobres do vasto império para virem a **Susã**, capital persa (veja o mapa). Esta grande festa deveria durar seis meses, durante os quais seriam apresentados a riqueza e esplendor do rei e a excelência do seu domínio do mundo, como uma revisão periódica. **O poder da Pérsia e Média** (3), ou seja, “os oficiais do exército Medo e Persa” (Moffat). Havia indubitavelmente um banquete para os visitantes nobres no início deste período, assim como para os cidadãos de Susã (**desde o maior até ao menor**), juntamente com seus nobres visitantes no final - com duração de sete dias (5).

A descrição dos encontros nestes banquetes é similar à informação procedente de outras fontes históricas, com relação aos costumes persas nos dias de Xerxes. **Os leitos**

(6), “a armação dos leitos era de ouro e prata sobre um pavimento de alabastro” (Berk.). Heródoto (IX. 82) fala dos leitos de ouro e prata que os gregos tomaram dos persas. Foram descobertos pelos arqueologistas pedaços de pilares de mármore e pavimentos de mosaico do palácio real deste período¹.

O beber era, por lei, feito sem que ninguém forçasse a outro (8); “O ato de beber estava prescrito, porém não era obrigatório”. (Berk.). As mulheres, conforme o costume oriental, eram separadas dos homens em tais ocasiões, mas também tinham a sua festa. A rainha Vasti oferecia um banquete na casa real que pertencia ao rei Assuero (9).

2. A Recusa de Vasti (1.10-12)

No último dia do banquete, enquanto o rei estava embriagado, enviou seus camareiros reais para trazer a rainha a fim de exibir sua beleza aos seus convidados, certamente de maneira orgulhosa. **Porém, a rainha Vasti recusou vir conforme a palavra do rei** (12). Esta recusa direta da rainha ocasionou muitos comentários favoráveis por parte dos críticos. Eles sentem que podemos nos inclinar a glorificar a personalidade e coragem de Ester, porém, mediante o desprezo de Vasti, que pode ter mostrado, em alguns aspectos, maior coragem do que a judia. “Se Ester veio ao reino com um propósito específico (4.14)”, observa Wick Broomal², “certamente podemos dizer que o nobre exemplo de modéstia feminina de Vasti não pode ser facilmente esquecido. Nosso mundo moderno precisa de mais mulheres como esta rainha, relutantes em expor seus corpos seminus para a contemplação da multidão”. Talvez aumentemos nossa consideração por Vasti se pensarmos que não havia realmente uma lei ou costume, que tornasse inapropriado para as esposas estarem presentes em um banquete com seus maridos. Parece que ela se recusou a obedecer ao pedido do rei por motivos pessoais. Provavelmente, percebeu que por causa de sua escolha poderia perder a sua posição, ou até mesmo a própria vida.

3. *Vasti é Destituída* (1.13-22)

A recusa de Vasti em concordar com o pedido do rei deixou o embriagado monarca enfurecido. Ele entregou o destino da rainha nas mãos dos astrólogos da corte, que em tais ocasiões eram seus conselheiros mais confiáveis. Embora estes conhecessem o temperamento do rei, e soubessem que ele provavelmente se arrependeria de sua atitude quando se recuperasse de seu estupor alcoólico, estes homens inteligentes resolveram tirar vantagem da oportunidade para obter a publicação de um decreto que contribuiria com os interesses da disciplina doméstica. **Assaz desprezo e indignação** (18): “as mulheres da Pérsia e Média... estão falando com orgulho e petulância com todos os oficiais do rei” (Moffat). Vasti não poderia mais entrar **na presença do rei Assuero, e o reino dela** deveria ser dado a outra **melhor do que ela** (19); **as esposas** de todas as partes deveriam honrar seus maridos (20); e todo homem deveria manter as regras e a liderança de sua casa (22). G. Campbell Morgan nota que “a história revela o lugar que a mulher ocupava fora da aliança do povo escolhido. Ela era, simultaneamente, uma diversão e uma escrava do homem”³.

B. A Escolha de Ester, 2.1-23

1. *O Plano Sugerido* (2.1-4)

Cerca de três ou quatro anos após a destituição de Vasti, conforme a data indicada em 2.16, estabeleceu-se um plano para a escolha da nova rainha. Acredita-se que durante o período intermediário o rei esteve ocupado com sua campanha grega malsucedida, que resultou na derrota naval em Salamina, em 480 a.C., e na Batalha de Plataeas em 479 a.C. Conforme o plano sugerido pelos conselheiros do rei, belas jovens seriam procuradas pelo império e colocadas sob os cuidados de um eunuco do rei, do palácio de Susã, chamado **Hegai** (3). Lá elas deveriam se submeter a uma intensa preparação com cuidados de beleza e cosméticos por um período de doze meses, antes de serem avaliadas pelo rei.

2. *Ester é Levada ao Palácio* (2.5-11)

Entre as várias jovens que foram levadas ao palácio, havia uma judia, de nome **Hadassa** ou **Ester** (7). Ela foi criada na casa de seu primo mais velho, Mardoqueu, um judeu da tribo de Benjamim, cujo bisavô, Quis, foi um daqueles que foram levados de Jerusalém para o exílio por Nabucodonosor em 597 a.C. Esta Ester é descrita com uma jovem **bela... e formosa** (7), que logo alcançou **graça aos olhos de todos quantos a viam** (15). Hegai, o chefe eunuco, a preferiu entre todas as outras jovens sob os seus cuidados; e a fez passar para os melhores aposentos da **casa das mulheres** (9), ou seja, o harém. Por sugestão de Mardoqueu, ela não revelou sua linhagem ou raça, visto que os judeus não obtinham favores entre os persas; e o fato de ser de origem judaica, se fosse descoberto, poderia impedir que ela fosse escolhida como rainha. “Todo dia Mardoqueu passava em frente ao átrio das mulheres para se informar como passava Ester, e o que lhe sucedia” (11, Berk.)

3. *Ester é Escolhida para Ser Rainha* (2.12-20)

Ao final de um ano inteiro de preparações, as candidatas a rainha, foram apresentadas uma por uma ao rei. Na preparação para esta apresentação final, foi-lhes permitido escolher o traje e a maquiagem que deveriam usar. Mas, quando chegou a vez de Ester, ela sabiamente contou com o julgamento do camareiro do rei, Hegai: **coisa nenhuma pediu, senão o que**

disse Hegai (15) em todas as questões. Ester sabia que ele não só era experiente nestes assuntos, como também conhecia bem o gosto do rei. Isto nos aponta algo na personalidade de Ester, que em todas as suas atitudes, exercitava o mesmo cuidado e discrição e o mesmo respeito pelo julgamento dos outros.

A apresentação de Ester ao rei resultou em sua escolha imediata como rainha; **o rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres** (17). Um grande banquete foi dado em sua homenagem. Para ganhar a afeição do povo para a nova rainha, o rei **deu repouso às províncias** (18), ou seja, uma redução especial nos tributos foi anunciada a todo o reino. Ele fez doações: **“fez presentes, segundo a generosidade real”**; (Berk.). Uma judia se tomou rainha do governo mais poderoso daquela época. Através dela, Deus concedeu ao seu povo uma grande libertação dos desígnios malignos de seus inimigos.

O caráter disciplinado de Ester pode ser entendido melhor à luz da sua educação. Mesmo nessa fase, ela **cumpria o mandado de Mordecai como quando a criava** (20).

Seção II

A LIBERTAÇÃO DOS JUDEUS

Ester 3.1—10.3

A. A Trama de Hamã, 3.1—4.3

1. *Hamã, o Agagita, é Honrado* (3.1-2a)

Vários anos depois da ascensão de Ester ao reinado, um homem de nome **Hamã**, descrito como **agagita** (l)¹, talvez por causa da sua descendência de Agague, o rei amalequita (1 Sm 15.8,33), foi elevado à posição de primeiro ministro ou grão-vizir. Esta posição lhe trouxe a maior condição entre os príncipes da corte persa, e tomou-se o segundo abaixo do rei em poder. De acordo com a ordem do monarca, segundo o costume dos governos orientais antigos, as princesas e nobres, assim como o povo em geral, todos precisavam inclinar-se perante o grão-vizir quando ele passava pelo palácio e pelas ruas de Susã.¹

3. *O Rei é Persuadido a Destruir os Judeus* (3.7-15)

Para obter a cooperação de Xerxes em fazer um decreto contra os judeus, Hamã falou sobre um determinado povo (que ele não mencionou) **espalhado... entre... todas as províncias** (8). Eles tinham leis diferentes dos persas e por isso não obedeciam **as leis do rei**. Portanto seria de seu interesse que fossem destruídos. Hamã prometeu pagar ao tesouro real **dez mil talentos de prata** (9) (US\$18.000.000 de dólares) se fosse dada a ordem da destruição. O primeiro ministro provavelmente previu que mais do que esta quantia poderia ser obtida pelo confisco das propriedades daquele povo¹. Então lançou sortes, ou **pur** (7), para determinar o tempo propício para o massacre, e caiu no **duodécimo mês, que é o mês de adar**, cerca de onze meses depois da elaboração do plano.

O rei entregou confiantemente todo o plano nas mãos do grão-vizir. Ele tirou o anel pelo qual o decreto seria autorizado e selado, e entregou-o a Hamã. **Essa prata te é dada**, disse o rei, ao referir-se ao dinheiro que Hamã prometeu ao tesouro, **como também esse povo, para fazeres dele o que bem parecer aos teus olhos** (11). É provável que, ao confiar este decreto a Hamã, o rei não tivesse consciência de que se tratasse da nação judaica. E provavelmente nem o monarca nem Hamã soubessem àquela época que Ester fosse uma judia. **E as cartas se enviaram pela mão dos correios a todas as províncias do rei, que destruíssem, matassem, e lançassem a perder a todos os judeus, desde o moço até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a treze do duodécimo mês que é o mês de adar** (março), **e que saqueassem o seu despojo** (13). A frase, **para aquele dia** (14) pode ser lida “naquele dia” (Smith-Goodspeed). Era de se esperar que ao receber tal ordem a cidade de Susã estivesse **confusa** (15), ou “em perplexidade” (Berk.).

4. *O Sofrimento dos Judeus* (4.1-3)

Quando o decreto para a destruição dos judeus foi divulgado, houve grande luto e consternação entre os judeus por todo o reino da Pérsia. Mardoqueu, segundo um costume pré-estabelecido entre os antigos judeus para mostrar grande sofrimento, rasgou suas vestes e cobriu-se com pano de saco e cinza. Então saiu pela cidade e clamou com grande e

amargo clamor. A existência dos judeus tinha os seus dias contados. Restava ver se o Deus a quem serviam lhes proveria o escape⁸.

B. A Intervenção Bem-sucedida de Ester, 4.4—8.2

1. Ester é Persuadida por Mardoqueu a Intervir (4.4-17)

Neste ponto, a ação muda em favor dos judeus. A rainha Ester ouviu o lamento de Mardoqueu e enviou um mensageiro com roupas para que ele usasse no lugar de panos de saco, e que ocupasse o seu lugar usual dentro do portão do palácio. Mas ele recusou sua oferta, respondeu seu interrogatório e o motivo de seu lamento e explicou sobre o decreto feito contra os judeus, a fim de encorajá-la a intervir em favor deles junto ao rei. Ela respondeu que havia uma lei que impedia a entrada de alguém à presença do rei sem um chamado prévio, sob risco da perda da própria vida, e ela mesma em 30 dias não havia sido convidada a comparecer a sua presença. Mas

Mardoqueu a encorajou, pois a vida de todos os judeus corria perigo, inclusive a dela, por ser judia. **Não imagines, em teu ânimo** (13), ou “não pense que... só tu escaparás entre todos os judeus” (Berk.). **Socorro e livramento** (14) significam “alívio e libertação” (Smith-Goodspeed). **E quem sabe**, disse Mardoqueu, **se para tal tempo como este chegaste a este reino?** Em consequência da sua persuasão encorajadora, Ester se propôs a arriscar sua vida se necessário, e aproximar-se do rei em benefício dos judeus. **E, perecendo, pereço** ou **se perecer, pereci** (16), disse ela em resposta a Mardoqueu, e pediu que os seus amigos jejuassem com ela, três dias antes que corresse aquele risco.

Embora o nome de Deus não apareça especificamente em lugar algum, temos, ao que parece, uma referência muito clara no versículo 14 à providência de Deus, devido à origem da qual virá a libertação, mesmo que Ester decidisse não intervir. Também no pedido dela para que o seu povo jejuasse com ela, temos uma indicação muito clara da oração como meio de ajudá-la a lidar com o rei. Nos acontecimentos que se seguem rapidamente, percebemos que Deus ouviu as suas orações e que trabalhou no coração do monarca a seu favor.

Em um sermão sobre Ester 4.14-16, George W. Truett observa que: (1) Ester primeiro procurou o silêncio e recuou: “Devo manter-me em paz; devo ficar em silêncio; eu sou a rainha”, ela parecia dizer. Mas (2) ela reconsiderou e reconheceu que a retribuição certamente seguiu a negligência da responsabilidade: “Ester, se você não colaborar”, avisou Mardoqueu, “a libertação virá de outra parte, mas você e a casa de seu pai perecerão” (v. 15). Finalmente, (3) ela decidiu ficar do lado de Deus, qualquer que fosse o preço: **Perecendo, pereço** (4:16). “Fiquemos sempre do lado de Deus”, o Dr. Truett encoraja em seu apelo final. “Há um poder divino que promete nos ajudar hoje, amanhã e sempre, se ficarmos fielmente ao lado de Deus!” O mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre⁴.

Um sermão sobre “Oportunidade” baseado na mesma passagem é sugerido em *The Pulpit Commentary*⁵. Ele é resumido assim: (1) Oportunidades de fazer o bem vêm ao povo de Deus em todo lugar e situação, 8; (2) As oportunidades para fazer o bem devem ser agarradas enquanto estão conosco, 14; (3) Se nós as negligenciarmos, teremos aqueles que nos lembrarão da nossa culpa. Pais, amigos, ou ministros podem nos lembrar, como fez Mardoqueu, 14; (4) O pensamento de que uma oportunidade foi dada especialmente por Deus, para que através dela o sirvamos, tem um grande efeito positivo e nos ajuda a aproveitá-la ao máximo. **E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?** (14)

Ainda em outro sermão intitulado “A Responsabilidade da Mulher com a Época”, uma senhora destacou esta passagem sob o título “Um sermão de mulher para mulher”. O esboço é o seguinte: (1) Reconheçamos que, assim como Ester teve sua oportunidade, temos nós também a nossa. (2) Aprendamos que o fato de uma tarefa ser difícil ou perigosa não é desculpa para o nosso fracasso; devemos aproveitá-la honestamente. (3) Podemos aprender a origem da verdadeira força e confiança. (4) Podemos aprender que ao enxergarmos a nossa responsabilidade, e pedirmos a direção e a bênção de Deus, devemos ir ao encontro do nosso dever sem temor. “Ester fortaleceu sua alma com confiança em Deus, e então usou seu próprio bom senso. O julgamento desta rainha era igual à sua coragem. Ela sabia como ‘esperar a sua hora’”⁶.

2. *O Rei e Hamã são Convidados para um Banquete (5.1-8)*

Depois de três dias de oração e jejum, Ester, leal à sua promessa, apareceu no pátio interior do palácio, defronte do aposento do rei, que estava assentado sobre seu trono real. Nenhum convite havia sido feito a ela, e sua vida estava nas mãos do monarca. Mas sua confiança estava em Deus e podemos estar certos de que Ele não falharia naquele momento crítico. **E sucedeu que, vendo o rei a rainha Ester... ela alcançou graça aos seus olhos; e o rei apontou para Ester com o cetro de ouro, que tinha na sua mão, e Ester chegou e tocou a ponta do cetro.** (2).

Podemos relacionar isso a uma causa natural e argumentar que “o rei achou a beleza de Ester irresistível, assim como Holofernes estava encantado pelo charme de Judite”. Mas, no mínimo, é também verdade que vemos nisto, assim como em todas as experiências do povo de Deus relatadas na Bíblia Sagrada, as promessas do Senhor serem cumpridas e sua providência exercitada a favor deles.

O rei imediatamente abriu o caminho para que Ester fizesse o seu pedido, ao assegurar-lhe que lhe seria dado mesmo que fosse **até metade do reino** (3). Por que então ela demora, até duas vezes (4,8), para tirar vantagem da oportunidade que lhe foi oferecida tão graciosamente? Uma resposta é que “considerações literárias ditaram o adiamento”²³⁴⁵⁶⁷. Uma devida consideração pelo suspense na narrativa fez com que o autor do romance introduzisse este atraso na ação. Esta opinião enxerga os fatos como uma ficção, e não como uma narrativa dos eventos que realmente aconteceram na vida do povo de Deus. E perfeitamente possível, por outro lado, acreditar que Ester usou a sua boa faculdade de julgamento, que lhe fora dada por Deus. De uma maneira especial, ela se colocava à disposição para fazer a vontade de Deus na libertação de seu povo das tramas cruéis de seus inimigos.

O pedido imediato de Ester foi apenas que o rei e o primeiro ministro comparecessem ao banquete que ela prepararia para os dois. Quando seu convite foi aceito prontamente, estabeleceu-se outra oportunidade para pedir o que desejava; ela simplesmente repetiu o convite. **No banquete do vinho** (6) podemos ler: “enquanto eles tomavam vinho” (Berk.). Ela pediu que viessem a outro jantar no dia seguinte e prometeu que ali faria o seu pedido.

Pode parecer que nem Hamã nem o rei suspeitavam que a rainha tivesse qualquer ligação com os judeus, ou que o seu pedido estivesse relacionado ao decreto para a exterminação deles. Que sabedoria da rainha ter escondido o assunto, a fim de mantê-lo em suspense! Não é de se admirar que alguns tenham a opinião de que a história foi manipulada por algum hábil romancista. Mas a verdade é sempre mais estranha do que a ficção, e muitas partes da narrativa bíblica seriam suscetíveis a esta crítica. Escolhemos aceitar a forma como ela nos foi contada, e acreditar que Deus atuava a favor de uma

grande libertação para o seu povo.

inimigo judeu de tirar o prazer de todas as suas conquistas. Então sua esposa e seus amigos sugeriram: **Faça-se uma força de cinquenta côvados de altura, e amanhã diga ao rei que enforcuem nela Mardoqueu e, então, entra alegre com o rei ao banquete.** E esse conselho bem pareceu a Hamã, e mandou fazer a força (14). Hamã seguiu prontamente o conselho de seus amigos. Ele estava confiante de que o rei, que já havia concordado com a destruição dos judeus por todo o império, certamente permitiria que Mardoqueu fosse punido como o exemplo de um judeu impertinente. Mandou-se levantar a força imediatamente, e Hamã planejou fazer seu pedido ao rei bem cedo, na manhã seguinte.

4. Hamã é Forçado a Honrar Mardoqueu (6.1-14)

A mão de Deus é vista claramente na virada dos acontecimentos registrados no capítulo 6. Qualquer que fossem as causas naturais da insônia do rei naquela noite, nós percebemos que o Senhor usava esta circunstância para fazer uma mudança na sorte dos judeus. Para passar as horas do rei insone, foram lidos para ele os relatos e as crônicas reais. Eventualmente foi trazida a parte que levava a informação fornecida por Mardoqueu, o judeu, que causou a prisão e a execução daqueles que procuravam matar o rei. Imediatamente ele perguntou **que honra e galardão** (3) foram dados a Mardoqueu por tão grande serviço. Foi informado de que nada lhe foi conferido. Talvez naquele exato momento ele tenha ouvido os passos lá fora, e perguntado: **Quem está no pátio?** (4) Quando ouviu que era Hamã, seu ministro-chefe, que estava ali (pois já era cedo), ele ordenou que entrasse.

Hamã obviamente chegou cedo a fim de pedir ao rei permissão para enforcar Mardoqueu na força que ele havia preparado por sugestão de seus amigos e esposa. Mas antes que pudesse fazer o seu pedido, o rei falou: **Que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada? Ou: Que se fará ao homem a quem o rei deseja honrar?** (6) Embora um pouco surpreso, Hamã não se mostrou despreparado para esta súbita abordagem. Ele pensou que ele mesmo seria o objeto de honra e que o rei apenas dava-lhe uma oportunidade de escolher a maneira pela qual seria honrado. Então ele descreveu ao rei o tipo de honra que mais o agradaria: **a veste real... o cavalo em que o rei costuma andar montado, e... a coroa real** (8). E então disse: **Seja entregue a veste e o cavalo à mão de um dos príncipes do rei... e apregoe-se diante dele: Assim se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada!** (9).

Mas agora vem o choque: **Apressa-te, toma a veste e o cavalo, como disseste, e faz assim para com o judeu Mardoqueu, que está assentado à porta do rei; e nenhuma coisa tu deixes cair de tudo quanto disseste** (10). E Hamã, embora humilhado, cumpriu a ordem do monarca em detalhes. Ele levou Mardoqueu, vestido com as vestes reais, montado no cavalo do rei pelas ruas da cidade, e apregooou diante dele as palavras que ele mesmo havia prescrito.

Vale a pena citar o comentário de F. B. Meyer⁹ sobre esta passagem:

“Aqui foi, na verdade, uma virada de mesa! Hamã prestando honras ao humilde judeu, que se recusou a honrá-lo. Certamente naquele dia o antigo refrão deve ter tocado no coração de Mardoqueu: ‘Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são os alicerces da terra’ (1 Sm 2.8). E uma antecipação de outras palavras: - ‘Tendo pouca força, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás (aos que se dizem judeus e não são, mas mentem), eis que eu farei que venham e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo’ (Ap 3.8,9).

“Como Deus trabalhou tão claramente a favor de seu filho! A cova de fato estava preparada, mas ela seria usada por Hamã; enquanto que as honras que

ele pensava estar preparadas para si mesmo, seriam usadas para Mardoqueu”.

O Dr. Meyer conclui o seu sermão:

“Permaneça confiante, amado irmão, mesmo em meio ao escárnio, ao ódio, e às ameaças de morte. Contanto que a tua causa seja de Deus, ela há de vencer. Ele mesmo a justificará. Aqueles que o honrarem, serão honrados; enquanto aqueles que o desprezarem serão desprezados”.

“Embora os moínhos de Deus trabalhem lentamente, eles trituram ao máximo; embora Ele espere compaixão, tudo tritura”.

Depois de sua experiência de exaltação, Mardoqueu voltou humildemente para a sua posição comum na **porta do rei** (12). Ele não assumiu qualquer relação diferente para com o rei ou seus subalternos. Ele não fez como Hamã, o qual exigiu que cada pessoa que passasse se inclinasse diante ele. Ao contrário, seu inimigo foi para casa com sua cabeça coberta como sinal de grande pesar. Sua esposa e amigos foram pobres confortadores. Estes **sábios** (13) eram provavelmente os homens que haviam lançado a sorte (3.7) para decidir o dia da morte dos judeus. Quando entenderam o que havia acontecido, aconselharam Hamã, ao informarem que, se Mardoqueu representava os judeus, ele não poderia esperar vencer em uma competição contra ele. Com este conselho ainda patente em seus ouvidos, Hamã foi informado pelos mensageiros do rei que o banquete da rainha Ester estava pronto, e que ele deveria comparecer rapidamente.

5. Ester Denuncia a Trama de Hamã (7.1-6)

No segundo banquete, para o qual Ester convidou o rei e seu vizir Hamã, outra oportunidade lhe foi dada para realizar seu tão importante pedido. Ela o fez com palavras que trouxeram fúria e perturbação ao rei, e terror ao coração de Hamã. Na sua resposta ao monarca, ela se identificou pela primeira vez como pertencente à raça condenada dos judeus (sem realmente usar esta palavra) e pediu que sua vida e a de seu povo fosse poupada. **Estamos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e lançarem a perder** (4). Se ainda fôssemos simplesmente como servos e servas, como era feito com as nações dominadas antigamente, teriam poupado suas vidas. Eles esperavam cair nas mãos de chefes generosos, onde cujas vidas seriam pelo menos toleráveis. Nesse caso, Ester disse que não teria reclamado, mas teria aceitado sua sorte em silêncio, **ainda que o opressor não recompensaria a perda do rei** (4), a fim de dizer que ele perdeu muito mais do que poderia ter lucrado em tal transação. A contribuição que os judeus davam como cidadãos e oficiais no seu império, valia muito mais que o preço que ele poderia ter recebido por vendê-los à escravidão. Dessa forma, eles foram vendidos para destruição - uma referência clara aos “dez mil talentos” que Hamã ofereceu ao rei, pela permissão de fazer um decreto para aniquilação dos judeus (3.9).

A súplica de Ester deixou claro para o rei que um crime havia sido cometido, que envolvia suborno e ameaça à vida de sua amada rainha. Mas o criminoso ainda não havia sido identificado. **Quem é esse? E onde está esse cujo coração o instigou a fazer assim?** (5) perguntou o rei, em uma onda de erupção em sua voz¹⁰. E agora chegava o momento que Ester havia planejado cuidadosamente. Hamã estava perante ela na presença do rei e aparentemente não tinha percebido, até então, a sua conexão com os judeus. Ester era a pessoa mais importante do mundo para Assuero; e, junto com o rei, a pessoa mais importante no reino persa. Pelo que ela declarava agora, Hamã e o rei perceberam que ela também era um membro da odiada raça dos judeus. Portanto ela estaria envolvida, com toda a sua família, na trama que havia sido decretada por Hamã, o vizir, com a autoridade do rei.

O homem, o opressor e o inimigo é este mau Hamã (6), disse Ester, enquanto apontava o dedo, para acusar o companheiro e primeiro ministro do rei. **Então, Hamã se perturbou** (“ficou aterrorizado”) **perante o rei e a rainha**. Ele se deu conta de que seu ato contra os judeus fora dirigido, na verdade, embora sem querer, contra a rainha, e colocou-o em uma situação difícil perante o rei.

6. Hamã é Enforcado e Mardoqueu é Exaltado (7.7—8.2)

O rei subitamente tomou conhecimento de que Hamã traiçoeiramente o levou a tomar uma atitude que colocou a sua amada rainha em perigo imediato. Não é de se admirar que ele tenha se levantado **“do banquete do vinho para o jardim do palácio”** (7). Porém esta atitude significa mais do que aquilo que aparenta. Vários comentaristas nos informam que “quando um rei oriental se levanta da mesa em fúria... não havia misericórdia para aquele que causou aquele gesto”¹¹. Hamã vê que sua maldição estava lançada e tira proveito do último recurso que lhe resta. **Hamã se pôs em pé, para rogar à rainha Ester pela sua vida** (7). Poucos minutos depois, quando o rei retorna dos jardins do palácio, onde estava a considerar as atitudes a serem tomadas contra Hamã, o monarca o encontra caído sobre o divã em que se achava a rainha Ester¹². Ao entender este ataque como um ato imoral contra a rainha (ou pelo menos usando esta desculpa para descarregar a sua ira sobre ele), o rei gritou, **“Porventura, quereria ele também forçar a rainha perante mim nesta casa?”** (8). Então, rapidamente cobriram o rosto de Hamã em sinal de prisão oficial. O monarca foi informado por um dos seus camareiros sobre a força de cinquenta côvados de altura preparada para Mardoqueu, e mandou que seu ex-ministro fosse enforcado nela. **Enforcaram, pois, a Hamã na força que ele tinha preparado para Mardoqueu (10).**

Alguns apontam a altura da força como uma referência ao caráter fictício da história¹³. Baxter observou que a palavra hebraica *ets* foi transliterada como “força”, porém significa literalmente “árvore”. Com isto em mente ele interpreta o versículo 9 como “a árvore que Hamã escolheu junto à sua casa, onde ironicamente foi pendurado para contemplação horrorizada da sua família!”¹⁴. Mesmo que esta interpretação não seja correta, deve ser lembrado que o povo oriental antigo tinha um certo prazer pelas áreas espaçosas e de grandes dimensões. Não é de se surpreender, portanto, que a força na qual Mardoqueu seria executado, e que foi utilizada para Hamã, fosse, pelo menos, três vezes mais alta do que o normalmente esperado, “para que Hamã provavelmente sofresse maior ignomínia e se tornasse um espetáculo público”¹⁵.

Com o inimigo dos judeus exposto e eliminado, Ester revela ao rei o seu parentesco com Mardoqueu, que foi honrado por ter salvado a vida do monarca. Como era costume no caso da execução de criminosos¹⁶, os bens de Hamã foram confiscados e dados pelo rei a Ester, com quem, de acordo com a interpretação do monarca, ele havia sido injusto. Ester, por sua vez, o deu a Mardoqueu, para mostrar seu desejo de vê-lo elevado ao lugar ocupado por Hamã. O rei então tirou o seu anel, que ele havia tomado de seu ex-ministro, e o deu a Mardoqueu (8.2) como sinal de que era o seu escolhido como o grande vizir no lugar de Hamã. Certamente o Senhor “depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes” (Lc 1.52).

C. A Libertação dos Judeus , 8.3—10.3

1. Os Judeus Têm Permissão para se Defender (8.3-17)

A morte de Hamã, arquiinimigo dos judeus, não invalidou o decreto feito contra eles. **A escritura que se escreve em nome do rei e se sela com o anel do rei não é para revogar** (8; cf 1.19; Dn 6.8,12,15). A prova disso é que nem mesmo o próprio rei poderia revogar o decreto que fora feito e selado em seu nome pelo mau ministro. Mas havia uma forma pela qual **a maldade de Hamã** (3) (o efeito do decreto) poderia ser anulada. Em resposta ao desejo de Ester de salvar o seu povo, o rei deu a Mardoqueu o poder de primeiro ministro, para fazer um decreto em favor dos judeus. Esta proclamação permitiu que usassem qualquer meio necessário para se protegerem contra os seus inimigos, se fossem atacados. Escreveu-se um **edito aos sátrapas, e aos governadores, e aos maiores das províncias** (9) - os oficiais em todas as 127 províncias do império persa. **Sivã** corresponde a junho em nosso calendário, oito meses antes do ataque marcado contra os judeus. Neste novo decreto os judeus ganharam um direito para o dia estabelecido para a destruição: **“O rei concedia aos judeus... que se reunissem, e se dispusessem para defenderem as suas vidas, e para destruírem, e matarem, e assolarem a todas as forças do povo e província que com eles apertassem”** (11). O versículo: **“mulas, camelos e dromedários jovens”** (10) pode ser traduzido melhor como **“que cavalgavam sobre ginetes, que eram das cavalariações do rei”**.

A velocidade com que o novo decreto foi preparado e despachado aos pontos mais distantes do império e a alegria trazida aos judeus são descritas de forma bastante clara:

Então, foram chamados os escribas... e se escreveu conforme tudo quanto ordenou Mardoqueu aos judeus, como também aos sátrapas, e aos governadores, e aos maiores das províncias que se estendem da Índia até à Etiópia, cento e vinte e sete províncias, a cada província segundo a sua escritura e a cada povo conforme a sua língua; como também aos judeus segundo a sua escritura e conforme a sua língua...

Os correios, sobre ginetes das cavalariações do rei, apressuradamente saíram, impeli-

dos pela palavra do rei... Então, Mardoqueu saiu da presença do rei com uma veste real azul celeste e branca, como também com uma grande coroa de ouro e com uma capa de linho fino e púrpura, e a cidade de Susã exultou e se alegrou. E para os judeus houve luz, e alegria, e gozo, e honra. Também em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria gozo, banquetes e dias de folguedo... (9.14-17).

Muitos estudiosos sempre viram neste segundo decreto de Assuero (por anular o decreto anterior de morte), uma analogia da “segunda lei” de Cristo. Esta é a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus, que liberta aqueles que pela fé receberam a “lei do pecado e da morte” (Rm 8.2). Também ao enviar rapidamente os mensageiros, para proclamar em toda parte o novo decreto e levar uma oferta de vida aos judeus amaldiçoados, é feita uma analogia com o desafio que chega a todos os verdadeiros cristãos, a fim de se apressarem a enviar a mensagem do Evangelho. A ordem é ir a todas as partes do mundo. Devemos enviar as boas novas de que apesar da maldição do pecado, “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”¹⁷. Por uma analogia similar - **muitos entre os povos da terra se fizeram judeus** (17) (ou prosélitos da fé judaica) por temor - estes podem representar para nós o grande número de cristãos professos, que hoje estão alinhados com a Igreja por razões egoístas. Talvez esperem que devido a uma mera conexão nominal com o cristianismo, possam ser libertos do temor da morte e da punição eterna.

2. A Vingança dos Judeus sobre os seus Inimigos (9.1-16)

No dia treze do duodécimo mês, que é o **mês de Adar** (1; março), o dia fatídico designado para a matança dos judeus (3.7,13), irrompeu-se a luta entre eles e as facções de seus inimigos. Supõe-se que muitos dos persas e outros povos cativos

ficaram aterrorizados pelo decreto de Mardoqueu e não se lançaram contra os judeus. Mesmo os sátrapas e outros altos oficiais nas províncias lutaram do lado deles (3). Portanto, não é de se surpreender que os judeus facilmente prevaleceram sobre seus inimigos e mataram um total de 800 pessoas em Susã (inclusive **os dez filhos de Hamã**), e 75 mil nas províncias (6,10,15,16)¹⁸. Em uma vingança extensiva à família de Hamã, os cadáveres dos seus dez filhos mortos no dia anterior, foram pendurados em forcas no segundo dia. (13,14).

A crueldade de tal matança, se julgada pelos padrões cristãos, é indefensável, especialmente pelo pedido de Ester para que os judeus em Susã fizessem a matança de seus inimigos (12-15). Mas há três considerações que pelo menos ajudam a explicar a ação dos judeus e da rainha nesta trágica ocasião.

(1) Este foi claramente um caso de autodefesa. Os judeus foram postos em uma posição de ter que lutar pela própria vida e pela de seus familiares. Sob tais circunstâncias, a maioria dos cristãos concorda que o sangue deve ser derramado, se necessário, para salvar nossa nação e a vida dos nossos amados. Deve-se notar neste acontecimento que os judeus não puseram as mãos sobre o espólio de seus inimigos (10,15,16), apesar do decreto ter-lhes dado tal direito (8.11). Devido a esta moderação eles mostraram que buscavam apenas salvar suas vidas, e não roubar seus inimigos.

(2) Os judeus, no período do Antigo Testamento, não tinham o esclarecimento que possuímos hoje sobre as questões morais. Devemos julgá-los sob a visão de sua época. O problema aqui não é muito diferente do que encontramos nos livros de Juizes e 1 Samuel, onde há muitos exemplos de aparente crueldade da parte dos judeus enquanto lutavam para se estabelecer na Terra Prometida (cf. 1 Sm 15.33)¹⁹.

(3) Parece que, sob um ponto de vista religioso, a redenção do mundo estava em perigo. Se os judeus, a raça escolhida através da qual viria o Messias, fossem aniquilados como estava planejado, Cristo não teria nascido, não haveria salvação, e nós ainda estaríamos sob nossos pecados. Quer os atos de violência relatados nestes versículos tenham sido ou não justificáveis, Deus os usou para o bem da humanidade. Através deles, Ele fez surgir o bem em prol da salvação do mundo, visto que Ele sempre transforma o mal nas nossas vidas em bênçãos (Rm 5.20; Tg 1.2-4).

Há ainda uma quarta consideração que alguns comentaristas sugeriram: que os inimigos dos judeus receberam uma justa retribuição por seus atos de crueldade e violência dirigida contra o povo escolhido de Deus. O professor George Knight, ao comentar estes versículos, disse o seguinte:

“A principal ênfase deste capítulo não é a vingança exigida pelos judeus, mas o ato anulado pela providência divina. O fruto da legislação *Lex Talionis* de Israel reside na crença: “Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor” (cf. Dt 32.35,41,43; Rm 12.19; etc). Assim, os judeus esperavam constantemente a manifestação desta verdade. Tal doutrina pode ser encontrada por exemplo no Salmo 7.15 - “Cavou um poço, e o fez fundo, e caiu na cova que fez”²⁰.

3. *A Instituição da Festa do Purim* (9.17-32)

Em todos os lugares, nas províncias, a luta durou apenas 24 horas, o dia treze. Os judeus **se ajuntaram** (18), ou prepararam as tropas, em Susã nos dias 13 e 14. Para comemorar o repouso que eles desfrutaram depois de se livrarem de seus inimigos, bem como a vitória que alcançaram, Mardoqueu enviou outro decreto no qual estabelecia os dias 14 e 15 do mês de Adar como uma ocasião **anual de banquetes e de alegria, e de mandarem presentes uns aos outros e dádivas**

aos pobres (22). Por isso, àqueles dias chamam Purim, do nome Pur (26; “sortes”; cf 3.7). Confirmaram os judeus e tomaram sobre si, e sobre a sua semente... que não se deixaria de guardar esses dois dias... e que a memória deles nunca teria fim entre os de sua semente... como Mardoqueu, o judeu, e a rainha Ester lhes tinham estabelecido (27,28,31)²¹. A frase, **Acerca do jejum e do seu clamor (31)** significa “tempos de jejum e lamento” (Berk.).

4. *O Contínuo Progresso de Mardoqueu (10.1-3)*

No capítulo 10, que no texto hebraico possui apenas 3 versículos²², o crescente poder e influência de Mardoqueu são descritos lado a lado com o poder e a riqueza imperial de Xerxes. A contribuição que ele fez aos seus irmãos judeus é enfatizada no versículo 3. Ele não deixou que o seu progresso pessoal prejudicasse os seus sinceros esforços para promover a paz e o bem-estar de seu povo. Seu exemplo, juntamente com o de Ester, ganhou o amor e a estima de todas as gerações futuras. Como testemunha deste fato, temos a grande popularidade desfrutada pelo livro de Ester entre os judeus até a presente data.

1

Mardoqueu é Odiado por Hamã (3.26-6)

Apenas uma pessoa resistia contra o poderoso Hamã. O pai adotivo de Ester, o judeu, não se prostrava nem o reverenciava (2). Esta atitude pode ter sido tomada porque Mardoqueu o reconhecia como um descendente do inimigo de seu povo, os amalequitas, ou porque considerava este tipo de reverência uma forma de idolatria da qual ele, como um judeu leal, não poderia participar. **Para verem se as palavras de Mardoqueu se sustentariam (4)**, isto é, “eles falaram com Hamã para ver se ele toleraria a conduta de Mardoqueu” (Moffatt). A recusa obstinada deste judeu em se inclinar ao vizir do rei causou tal fúria em Hamã que ele determinou, se fosse possível, não simplesmente liquidar este insolente judeu, mas destruir toda a nação judaica dentro do império persa.

2

O Plano de Hamã para Enforcar Mardoqueu (5.9-14)

3

O orgulho de Hamã inflou-se ao ser especialmente convidado com o rei para o ban

4

quete de Ester, e mais ainda quando o convite foi repetido (12). Mas esta exultação se

5

transformou em amargura e fúria quando, no caminho para sua casa ele passou por

6

Mardoqueu que, como sempre, não lhe fez a devida reverência. Quase no mesmo instan

7

te, ele começou a contar para sua esposa Zeres, sobre suas glórias e honras, e acusar seu

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ Veja a obra de Jack Finegan, *Light from the Ancient Past* (Princeton: Princeton University Press, 1946), p. 200; e J. P. Free, *Archaeology and Bible History* (Wheaton, 111: Van Kampen Press, 1950), p. 244.
- ² Cf. A. H. Sayce, *An Introduction to the Books of Ezra, Nehemiah and Esther* (Nova York: Fleming H. Revell, s.d.), p. 104.
- ³ W. Broomall, “Esther” na obra *The Biblical Expositor*, I (Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960), p. 399.
- ⁴ Cf. G. F. Owen, *Archaeology and the Bible* (Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961), p. 167; e *The International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids, Mich. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939), II, pp. 1008-9.
- ⁵ E.g., T. W. Davies em ISBE, II, p. 1010.
- ⁶ ISBE, II, p. 1006.
- ^I Para uma discussão do texto de Ester na Septuaginta, veja *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. G. A. Buttrick *et al.* (Nova York: Abingdon Press, 1960), II, pp. 151ss.
- ⁸ J. H. Raven, *Old Testament Introduction* (Nova York: Fleming H. Revell Co., 1910), pp. 312ss.
- ⁹ *Ibid.*, p. 314.
- ¹⁰ Cf. E. H. Carroll, *The Divided Kingdom and Restoration Period* (“An Interpretation of the English Bible”, Vol. VI; Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1948), pp. 245/46.
- ^{II} S. A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the Old Testament* (Athens, Ga.: University of Geórgia Press, 1944), p. 217.

SEÇÃO I

- ¹ Cf. A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (Chicago: University of Chicago Press, 1948), pp. 170-71; J. P. Free, *Archaeology and Bible History* (Wheaton 111.: Van Kampen Press, 1950), pp. 244-45; e I. M. Price, *The Dramatic Story of Old Testament History* (2^a ed.; Nova York: Fleming H. Revell, 1935), p. 387.
- ² *The Biblical Expositor*, ed. Carl F. Henry (Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960), I, p. 397; cf. Adam

Clarke, *The Old Testament* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, reimpresso, n.d.), II, p. 808.

³ G.Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible* (Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959), p. 197.

⁴ Olmstead, *op. cit.*, p. 289.

SEÇÃO II

¹ Cf. Adam Clarke, *The Old Testament* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, reimpresso, n.d.), II, p. 812; e H. G. May e Bruce M. Metzger (eds.), *The Oxford Annotated Bible* (Nova York: Oxford University Press, 1962), p. 604.

² Para conhecer duas visões opostas em relação ao confisco das propriedades dos judeus como a fonte do dinheiro prometido, veja A. Macdonald na obra *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson, *et al.* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 383; e B. W. Anderson, na obra *Interpreters Bible*, ed. G. A. Buttrick, *et al.* (Nova York: Abingdon Press, 1954), III, p. 851.

³ Cf. G. A. F. Knight, *Esther, Song of Songs, and Lamentations* (Londres: SCM Press, 1955), p. 36, onde ao abordar o texto em Ester 4.3, o comentarista sugere que o lamento e o jejum da parte dos judeus, foi o indicativo do verdadeiro espírito de arrependimento. Ele se refere a Deuteronômio 4.29-31 e Joel 2.12-14 para mostrar que Deus tinha definitivamente prometido que jamais abandonaria o seu povo, mas que se em qualquer momento eles se arrependessem e se voltassem a Ele, seriam perdoados e libertados dos seus sofrimentos.

⁴ S. E. Frost, Jr. (ed), *The World's Greatest Sermons* (Garden City, N.Y.: Halcyon House, 1943), pp. 260-63.

⁵ Editado por H. D. M. Spence e Jos. S. Exell (Nova York: Funk and Wagnalls Co., s.d.), XV, "Esther" pp. 92-93.

⁶ Marianne Farmingham, na obra *The Biblical Illustrator*, ed. Jos. S. Exell (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, reimpresso em 1960), XI, "Esther", p. 58.

⁷ Anderson, *op. cit.*, p. 856.

⁸ *Ibid.*

⁹ *Our Daily Homily* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1951), II, p. 196.

¹⁰ A observação de Adam Clarke's sobre o texto original hebraico desta passagem traz a qualidade emocional das palavras do rei: "Há uma fantástica e abrupta confusão nas palavras originais, altamente expressivas do estado de espírito no qual o rei se encontrava... *mi hu zeh veey zeh hu asher melão libbo laasoth ken*. 'Quem? Ele? Este? E onde? Ele? Quem é, esse? E onde está esse cujo coração o instigou a fazer assim?' O rei levou um golpe pela natureza chocante de uma conspiração tão cruel e diabólica" (*op. cit.*, p. 822).

¹¹ Paul Cassell, na obra *An Explanatory Commentary on Esther*, traduzido por A. Bernstein

(“Clark’s Foreign Theological Library”; Edinburgh: T. & T. Clark, 1888), p. 217. Cf. A. D. Davidson, *Lectures, Expository and Practical, on the Book of Esther* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1859), p. 251.

¹² Os persas se reclinavam em banquetes formais da mesma forma que os gregos e os romanos;

porém entre as mulheres era mais costumeiro se sentar do que se reclinar. Cf. McDonald, *op. cit.*, p. 385; M. S. e J. L. Miller, *Encyclopedia of Bible Life* (Nova York: Harper and Bros., 1944), p. 310; IDB, III, pp. 315-17; e H. W. Johnston, *The Private Life of the Romans* (Chicago: Scott, Foresman and Co., 1932), pp. 226-27.

¹³ Cf. a introdução que trata de historicidade e caráter literário.

¹⁴ Baxter, *op. cit.*, p. 275. Cf. Clarke, *op. cit.*, p. 819.

¹⁵ Clarke, *loc. cit.*

¹⁶ Para uma referência a este costume na literatura antiga, veja Heródoto, *History*, III, pp. 120-29

(Herodotus, *The Persian Wars*, trad. por George Rawlinson, “The Modern Library”; Nova York: Random House, 1942; pp. 270-72).

¹⁷ Veja especialmente J. C. Whitcomb, Jr., “Esther”, *The Wycliffe Bible Commentary* (Chicago:

Moody Press, 1962), p. 455; e Malachi Taylor, *The Gospel in the Book of Esther* (Nova York, 1891), pp. 39-45.

¹⁸ B. W. Anderson (*op. cit.*, p. 869) observa que a Septuaginta “reduz as perdas de guerra a

15.000”, mas o texto hebraico é sustentado por Josefo, pelas versões Vulgata e Siríaca, e pelos Targums hebraicos. Visto que os números indicados pelas letras do alfabeto podem ter sido facilmente copiados de forma errônea, há uma incerteza por parte de alguns com relação ao texto original no tocante aos números - para mais ou para menos.

¹⁹ Um comentarista mais recente (Ignatius Hunt, na obra *Understanding the Bible*, Nova York: Sheed and Ward, 1962, p. 145) ofereceu a seguinte explicação: “Raramente encontramos padrões cristãos morais no Antigo Testamento... Deus é um educador paciente, e Ele só nos levou aos ideais cristãos de forma gradual”. Cf. também J. McKee Adams, *Our Bible* (Nashville, Tenn.: The Broadman Press, 1937), p. 8, sob o título “*The Plane of Revelation*”.

¹ Knight, *op. cit.*, p. 45.

²¹ Para uma discussão da Festa de Purim, veja IB, III, p. 825, e ISBE, IV, pp. 2506-7. Judeus

ortodoxos comemoram este feriado com jejuns e cultos nas sinagogas, nos quais se lê o livro de Ester.

²² Quanto às adições nas versões Septuaginta (grego) e Vulgata (latim) neste ponto, veja na intro

dução as informações sobre autoria, data e autenticidade; e IB, III, pp. 823ss e p. 874.

Bibliografia

ESDRAS, NEEMIAS, ESTER I. COMENTÁRIOS

Adeney, W. F. “The Books of Ezra, Nehemiah, and Esther.” *Expositor’s Bible*, Vol. II Editado por W. R. Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans

Publishing Co., 1943 (reimpressão).

Anderson B. W. "The Book of Esther" (Exegese). *Interpreter's Bible*, Vol. III. Editado por George A. Buttrick *et al.* Nova York: Abingdon Press, 1954.

Batten L. W. *The Books of Ezra and Nehemiah*. "International Critical Commentary." Edinburgh: T. and T. Clark, 1913.

Booth, W. H., *et al.* "A Homiletical Commentary on the Book of Nehemiah." *The Preacher's Complete Homiletical Commentary*. Nova York: Funk and Wagnalls, 1892.

Bowman, R. A. "The Book of Ezra and the Book of Nehemiah" (Exegese). *Interpreter's Bible*, Vol.

III. Editado por George A. Buttrick *et al.* Nova York: Abingdon Press, 1954.

Broomall, W. "Esther." *The Biblical Expositor*, Vol. I. Editado por Carl F. Henry. Philadelphia: A. J. Holman Co., 1960.

Cassell, Paul. *An Explanatory Commentary on Esther*. Traduzido por A. Benstein. "Clark's Foreign Theological Library." Edinburgh: T. and T. Clark, 1888.

Cook, F. C. *The Bible Commentary*. I Samuel - Esther. Resumido e editado por J. M. Fuller. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.

Davies G. H., *et al.* (eds). *Twentieth Century Bible Commentary*. Nova York: Harper and Brothers, 1955.

Davies, T. W. *Ezra, Nehemiah and Esther*. "The New Century Bible." Nova York: Oxford University Press, n.d.

Dummelow, J. R. (ed.). *A Commentary on the Holy Bible*. Londres: Macmillan and Company, 1909.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. II. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1915.

Jamieson, R., *et al.* *Commentary on the Whole Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 (reimpressão).

Keil, C. F. *The Books of Ezra, Nehemiah and Esther*. Traduzido do Alemão por Sophia Taylor. "A Biblical Commentary on the Old Testament," Vol. VIII. Editado por C. F. Keil e F. Delitzsch. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1952 (reimpressão).

Kelly, B. H. *The Book of Nehemiah*. "The Layman's Bible Commentary," Vol. VIII. Richmond, Va.: John Knox Press, 1962.

Knight G. A. *Esther; Song of Songs; Lamentations*. "Torch Bible Commentaries." Londres: SCM Press, Ltd., 1955.

Kretzmann, P. E. *Commentary on the Bible*, Vol. I. St. Louis: Concordia Publishing Co., n.d. Maclaren, A. *Expositions of Holy Scripture*, Vol. V. Nova York: George H. Doran Co., n.d.

McDonald, A. "Esther." *New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson *et al.* Segunda Edição. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959.

Oesterley, W. O. E. "Ezra-Nehemiah." *A Commentary on the Bible*. Editado por A. S. Peake. Nova York: Thomas Nelson & Sons, Ltd., n.d.

Oxford Annotated Bible. Editado por Herbert G. May e Bruce M. Metzger. Nova York: Oxford University Press, 1962.

Peake, A. S. (ed.). *A Commentary on the Bible*. Nova York: Thomas Nelson and Sons, Ltd., s.d.

Pfeiffer, R. H. "Esther." *Abingdon Bible Commentary*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

Rawlinson, George. "Ezra," "Nehemiah," and "Esther." *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e J. S. Exell. Nova York: Funk & Wagnalls, s.d.

Rogers, R. W. "Ezra and Nehemiah." *Abingdon Bible Commentary*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

Ryle, H. E. (ed.). *The Books of Ezra and Nehemiah*. "Cambridge Bible," Vol. XIII. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1923.

Whitcomb, J. C., Jr. "Ezra," "Nehemiah," and "Esther." *Wycliffe Bible Commentary*. Editado por C. F. Pfeiffer e E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Williams, G. *The Student's Commentary on the Holy Scriptures*. Sexta Edição. Grand Rapids: The Kregel Publications, 1960.

Wright, J. S. "Ezra" and "Nehemiah." *Biblical Expositor*, Vol. I. Editado por C. F. Henry. Philadelphia: A. J. Holman Co., 1960.

_. "Ezra and Nehemiah." *The New Bible Commentary*. Editado por Davidson *et al.* Segunda

Edição. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

II. OUTROS LIVROS

Adams, J. McKee. *Our Bible*. Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1937.

Baxter, J. S. *Explore the Book*, Vol. II. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Blackwood, A. W. *Preaching from the Bible*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1941.

Cartledge, S. A. *A Conservative Introduction to the Old Testament*. Athens, Ga.: University of Georgia Press, 1944.

Davidson, A. D. *Lectures, Expository and Practical, on the Book of Esther*. Edinburgh: T. and T. Clark, 1859.

Douglas, J. D. (ed.). *The New Bible Dictionary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.

Exell, J. S. *The Biblical Illustrator*, Vol. XI. Grand Rapids: Baker Book House, 1960 (reimpressão).

Finegan, Jack. *Light from the Ancient Past*. Princeton: Princeton University Press, 1946.

Free, J. P. *Archaeology and Bible History*. Wheaton, Ill.: Van Kampen Press, 1950.

Herodotus. *The Persian Wars*. Traduzido por George Rawlinson. "The Modern Library." Nova York: Random House, 1942.

International Standard Bible Encyclopedia. Editado por James Orr. 5 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939.

Interpreter's Dictionary of the Bible. Editado por G. A. Buttrick *et al.* 4 vols. Nova York: Abingdon Press, 1960.

Josephus, Flavius. *Antiquities of the Jews*. Traduzido por H. S. J. Thackeray. *Loeb Classical Library: Josephus*, Vols V e VI. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1958.

Mcfadyen, J. E. *Introduction to the Old Testament*. Londres: Hodder and Stoughton, 1905.

Meyer, E. *Die Entstehung des Judenthums*. Halle, Germany, 1896.

Meyer, F. B. *Our Daily Homily*, Vol. II. Edição Revisada. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951.

Miller, M. S. e J. L. *Encyclopedia of Bible Life*. Nova York: Harper and Bros., 1944.

Muir, J. C. *His Truth Endureth*. Philadelphia: National Publishing Co., 1937.

Nevius, W. N. *The Old Testament: Its Story and Religious Message*. Philadelphia: The Westminster Press, 1942.

Oehler, G. F. *Theology of the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d. (reimpressão).

Oesterley, W. O. E., e Robinson, T. H. *An Introduction to the Books of the Old Testament*. Nova York: The Macmillan Co., 1934.

Olmstead, A. T. *History of the Persian Empire*. Chicago: University of Chicago Press, 1948.

Owen, G. F. *Archaeology and the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

Pfeiffer, R. H. *Introduction to the Old Testament*. New York: Harper and Brothers, 1941.

Price, I. M. *The Dramatic Story of Old Testament History*. Segunda Edição. Nova York: Fleming H. Revell, 1935.

Pritchard, J. B. *The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1950.

Rawlinson, A. C. *Cuneiform Inscriptions of Western Asia*, Vol. V. Londres, 1861-84.

Redpath, Alan. *Victorious Christian Service*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1958.

Sayce, A. H. *An Introduction to the Books of Ezra, Nehemiah, and Esther*. Nova York: Fleming H. Revell, s.d.

Schultz, S. *The Old Testament Speaks*. Nova York: Harper Bros., 1960.

Unger, Merrill F. *Archaeology and the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.

Wright, J. S. *The Date of Ezra's Coming to Jerusalem*. Londres: The Tyndale Press, 1947.

Comentário Bíblico

na n/AAT

Chester O. Mulder R. Clyde Kidall W. T. Purkiser Harvey E. Einley Robert L. Sawyer C. E. Demaray

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Josué a Ester

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0686-3 9788526 306868